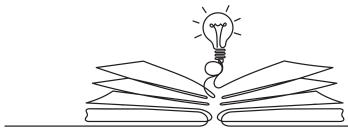
POEMAS DE
DESCONFORTO
E OUTROS VERSOS INCÔMODOS

Edneide F. Leite



Sintietfal Publica
Edital de apoio à publicação de livros

POEMAS DE DESCONFORTO

e outros versos incômodos

POEMAS DE PESSOA

E OUTROS VERSOS INCÔMODOS



POEMAS DE DESCONFORTO

e outros versos incômodos

Edneide F. Leite

Maceió – AL

2026

Sintietfal Publica

Edital de apoio à publicação de livros

Copyright © 2026 Sintietfal Publica

Diagramação: Maria José Oliveira

Projeto gráfico da capa: Maria José Oliveira

Revisão textual: Edneide F. Leite

CONSELHO EDITORIAL

PRESIDENTE
Josimar Barbosa dos Santos

MEMBROS
Maria José Oliveira
Emerson Magalhães dos Santos

© edição, Sintietfal Publica, 2026
R. França Morel, 136 – CEP 57020-560 - Centro Maceió/AL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus São Miguel dos Campos

B869.1
L533p Leite, Edneide F.
Poemas de desconforto e outros versos incômodos [recurso eletrônico] / Edneide F. Leite. – Maceió : Sintietfal Publica, 2026.
1 recurso eletrônico (73 p.)

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-01-73707-2

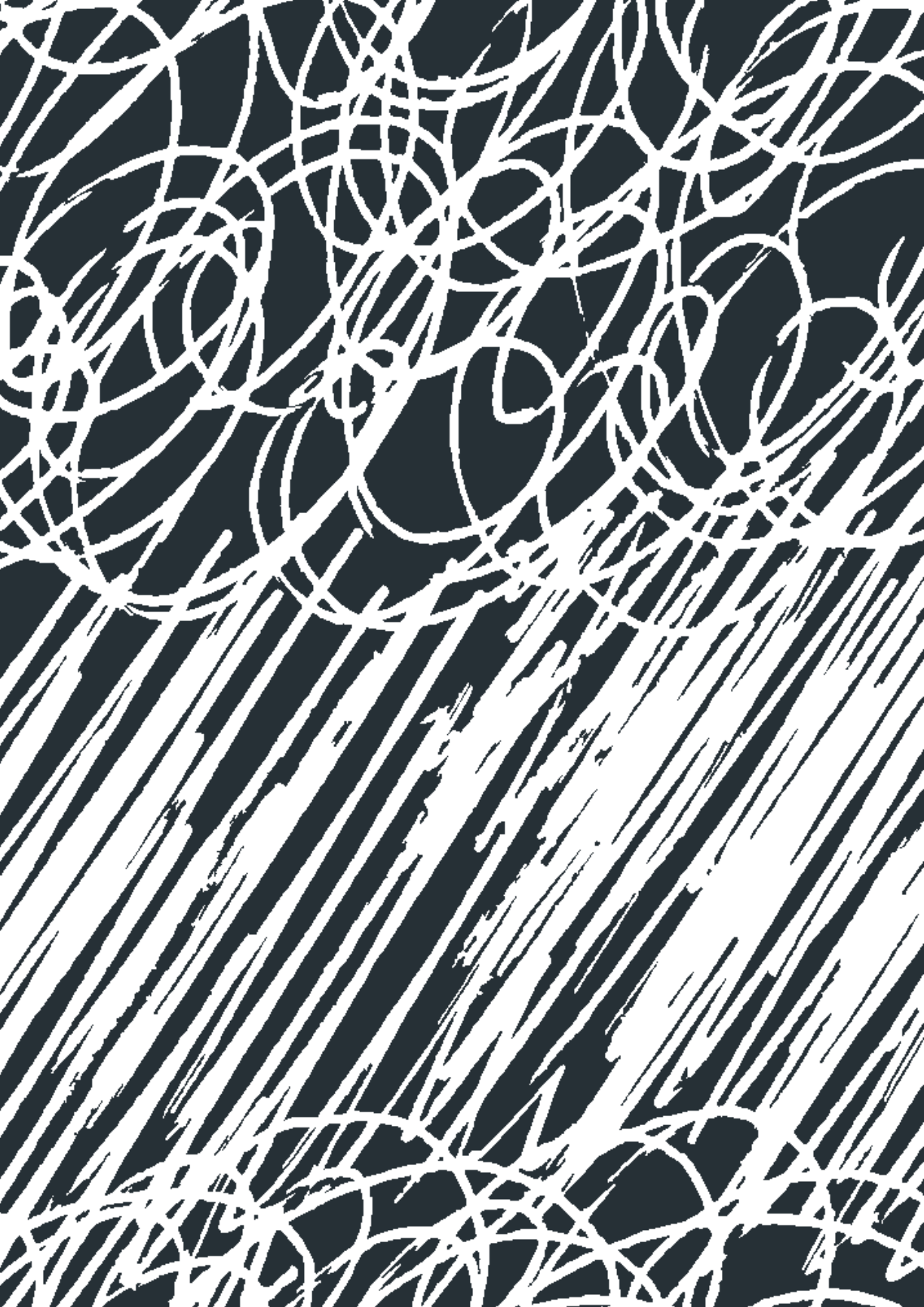
1. Poemas. 2. Poesia brasileira. 3. Literatura brasileira. I. Título.

Luiza Glaciete Freire Gonçalves
Bibliotecária – CRB 4/1707

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a permissão expressa do Sintietfal Publica (Lei nº 9.610, de 19/2/1998).

As opiniões emitidas bem como a integridade do conteúdo desta obra são de absoluta responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

APRESENTAÇÃO



O desconforto é um visitante incômodo: chega sem pedir licença, permanece mais do que gostaríamos e, muitas vezes, muda para sempre o lugar que ocupamos no mundo. Este livro nasceu desse território onde nada é confortável — e que, justamente por isso, pede ser olhado de frente.

Poemas de Desconforto e outros versos incômodos reúne textos que exploram o que fere, oprime, desajusta ou perturba, seja no campo íntimo ou no coletivo. Aqui, o desconforto não é um acidente: ele é matéria-prima. O título carrega essa intenção de forma direta, anunciando que o leitor não encontrará, nas páginas seguintes, a poesia que se oferece como repouso ou anestesia, mas aquela que cutuca, provoca e se recusa a ser neutra.

A obra está dividida em três seções principais, cada uma com sua própria temperatura:

- **Anatomia do Vazio**: poemas que encaram ausências — de alimento, de afeto, de direitos — e traduzem em imagem e ritmo o corpo e a alma confrontados com a falta.
- **Corpos em Colisão**: aqui, o choque é literal e simbólico; são textos sobre as violências veladas e escancaradas, os preconceitos que atravessam a pele, a voz e a identidade, o peso das micro e macroagressões.
- **Câmara Escura**: espaço de recolhimento e intensidade subjetiva, onde vivem as inquietações silenciosas, os medos sem nome e as memórias que confortam, atormentam ou se apagam.

A escolha por essa divisão não é apenas estrutural, mas também narrativa: o livro caminha da fome mais concreta à sombra mais íntima, traçando um percurso de desconforto que vai do corpo coletivo ao espaço interno.

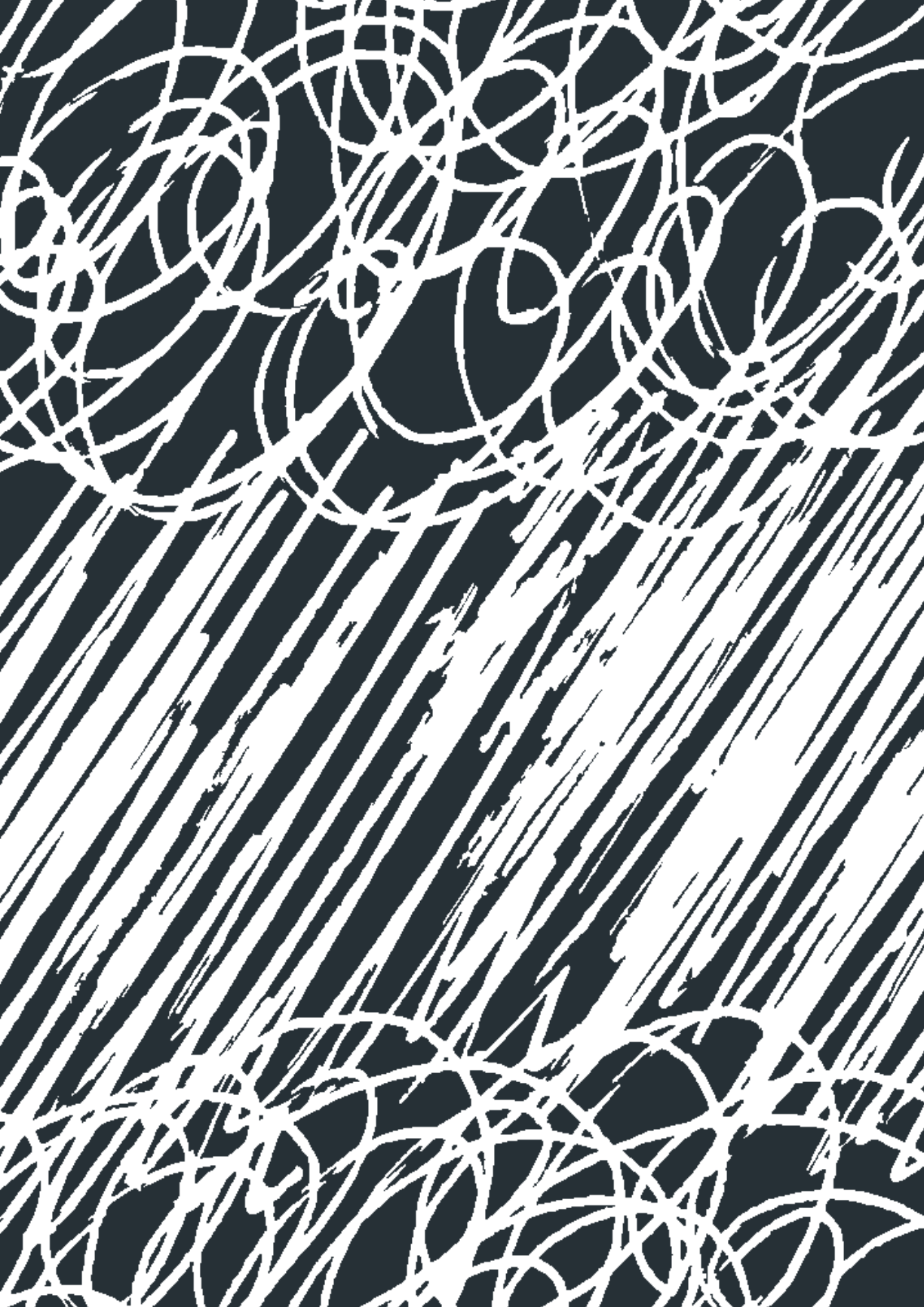
Como professora há mais de duas décadas, a poesia sempre esteve presente na minha prática, não apenas como conteúdo escolar, mas como ferramenta de diálogo e reflexão. Ao longo desse tempo, observei que os estudantes, de forma geral, carregam um repertório poético muito centrado no “belo” ou no que lhes causa angústia, mas quase sempre buscando conforto, solução ou reconciliação para o problema exposto. A proposta deste livro vai na contramão: não há aqui a necessidade de resolver ou adoçar a ferida. Os poemas não fecham portas nem oferecem curativos fáceis.

Este é um convite - ou talvez um desafio - para permanecer no desconforto por alguns instantes a mais. Para ouvir a respiração de um silêncio pesado, encarar o ruído de uma injustiça, reconhecer o incômodo como sinal de que algo precisa mudar. Porque, se a poesia pode acalentar, ela também pode - e deve - inquietar.

SUMÁRIO

1.	ANATOMIA DO VAZIO	11
	Trilogia do Pão: Pão Inteiro	14
	Trilogia do Pão: Miolo de Pão	15
	Trilogia do Pão: Pão Nenhum	16
	Versão digital	17
	“Era só mais um Silva...”	19
	O bicho – de novo	20
	Poema Amarelo	21
	Tem gente com pressa	23
	Rebotalho	25
	Fome Vital	26
2.	CORPOS EM COLISÃO	28
	Silhueta	31
	Quem você pensa que é?	33
	Manchetes	36
	Mira	37
	Terra ferida	39
	Caso isolado	40
	Hoje tem espetáculo?	42
	Etarivix® — antimedicamento	44
	Lição de vida	47
	Quebra de ritual	49
3.	CÂMARA ESCURA	51
	Vômito	53
	Rebobine	54
	Dentro	56
	Termômetro	57
	Carrossel insone	59
	Desalento	61
	Deserto	63
	Espelho em baixo-relevo	64
	Subcutâneo	66
	Memórias	68
	REMATE	69
	Inventário mínimo de incômodos banais	70

ANATOMIA DO VAZIO





Fonte: Flora Pidner | 2019

TRILOGIA DO PÃO

PÃO INTEIRO

Saiu cedo
pra ganhar o pão
Desceu o morro
corpo ainda tonto,
contas no bolso,
esperança no estômago.
E só um café amargo.
Desejou um pão.
Inteiro.
"Hoje vai",
Nem que seja o mínimo.
Nem que seja o osso
Meio-dia.
Marmita parca e
fria pra o almoço.

Encarou o mundo
a carga dobrada
o relógio rijo
o patrão mudo
Engoliu poeira,
calou humilhação
Pensava na janta.
Desejava um pão.
Inteiro.
No fim do dia,
mais condução
Suor e cansaço
Mas por que todo dia
parecia de cão?

O pão inteiro seria a
glória
Mas o que lhe restou foi
a sobra de um pão
o pão que diabo amassou

TRILOGIA DO PÃO

MIOLO DE PÃO

Sobrou só o miolo.
Mas não de pão.
O miolo de mundo.
A crosta do pão já se foi
Quem a levou?
os com fome de lucro,
os com dente de poder.
Abocanharam tudo
Ficou esse centro branco,
amassado e oco.

No mercado,
a oferta do dia estava
com a dignidade vencida

E a fome,
como cupim em madeira antiga,
ruía por dentro
o que ainda se chamava gente.
No fogo,
a água ferve pra nada.
Panela vazia não mente.

TRILOGIA DO PÃO

PÃO NENHUM

Na mesa posta,
silêncio mastigado.
Não há miolo, nem casca,
nem sequer farelo abençoado.
O prato,
branco como o susto.
O copo,
vazio como o bolso.
E o estômago,
roncando impropérios
Rezaram antes da refeição
por hábito

Que refeição?

O amém desceu seco.
O céu não respondeu.
No armário,
um pacote vazio de promessas.
No rádio,
o discurso inflado de cifras.
Na mão,
a conta de luz como pão mofado
Pediram um milagre.
Só restou o desespero.

VERSÃO DIGITAL

Nas redes sociais pululam as modinhas
No linguajar, nas poses,
muito mais nas dancinhas
Elas chegam e se vão repentinamente
Tudo é ligeiro, tudo é fugaz
O Reels de hoje, amanhã nem se vê mais
E tem algo agora invadindo as telinhas
Já é recorrente, não é pegadinha
Me ajude, não tenho o que comer
Tenho filhos pequenos
Contas a pagar
Tô cozinhando a lenha
Aceite meu celular
Mas o moço do gás não quis...
Mulher, nem me venha
Com celular não faço negócio
A senhora vai precisar dele
Já passou no açougue de Zé?
É merreca o quilo do osso
Faz faxina pra pagar lá
Todo mundo tá com a corda
no pescoço

Ócio? Não, moço.
Ninguém quer da
fome ser sócio
Ela não teve saída
Nem os ossos pode comprar
E se comprasse, onde ia cozinhar?
Pegou o celular e viu uma, duas, três
Viu muito mais gente
Agora em versão digital
Penúria high tech
Essa é a nova modinha?
O moço tinha razão
Precisava do celular
Meu PIX, anote aí
tudo junto, sem til
naoqueropassarfome
Chave aleatória
Como o voto de quem
elegeu esses "homi"

“ERA SÓ MAIS UM SILVA...”

A João Pedro da Silva, afilhado da vida,
cuja estrela não brilhou.

Quando era pixote, bem pixotinho
Recebia da mãe e da avó pão e carinho
Pra seu azar, as matronas cedo partiram
O pai, no álcool, se perdeu
E logo, nas ruas, o pixotinho ficou
Da primeira vez que dormiu ao léo
Nunca esqueceu
Trazia detalhe a detalhe um enredo de terror
A praça vazia de gente, cheia de assombração
Gelava o coração do pequeno menino
Do assento de um duro banco fez seu abrigo
Mas o medo era um gigante
Preferiu no chão se encolher
A hora não passava,
parecia que nunca mais chegaria o amanhecer
A barriga vazia era o tormento
Queria a mãezinha,
um colo, um alento
E o pior dessa história é que esse não era o fim
Era o começo de dias de dor, abandono e fome
que seguiram por sua curta trajetória
aos tiros interrompida por seus parças
que certamente lhe assombraram
como a primeira pernoite no banco da praça

O BICHO - DE NOVO

Ontem, viram um bicho
Um bicho, não
Um homem no lixo
Catanto comida
Comida catanto
Pra aquietar seu
Rebelde estômago
Hoje de novo
Apareceram outros bichos
Bichos humanos
Comida catando

Catando comida
Porque fome é
uma aberta ferida
Dessa vez, todo mundo viu
No Tik Tok, no feed,
no Reels
Na caçamba do lixo
Não há seleção
Nem se examina
Nem se cheira

Pode ser comida podre
Do resto da feira
Pode vir do mercado
Fora de validade
O bicho-gente come assim
Com voracidade
O que fazer, meu Deus
com esse bicho com fome?
No mundo virtual, deslikes
Na vida real, nem come

POEMA AMARELO

para Carolina Maria de Jesus

a fome era sua vizinha.
às vezes dormia com ela.
não batia na porta. entrava.
puxava o estômago, mordia o dia,
derrubava a tarde com um tapa.
Carolina via tudo
e escrevia.
com papel sujo e lápis quebrado
fazia diário do que o mundo fingia não ver.
"**a fome é amarela**",
ela disse.
E eu entendi.
não é o amarelo cor de ouro.
é cor de dor.
de bile.
sem brilho, sem luz,
de buzina na barriga.

a fome também é professora.
ensina a esperar sem esperança,
a dividir o que não há,
a pensar nos outros
com o estômago gritando.
Canindé chorava e ela catava ferro,
catava frase,
catava susto
e palavra.
carregava os filhos e os dias
como quem carrega pedra.
mas com tinta fez pão.
hoje, algumas barrigas ainda roncam.
e o mundo segue fazendo de conta
que Carolina
é ficção.

TEM GENTE COM PRESSA

(em memória de Solano Trindade)

o trem ainda passa,

mas não para.
tem gente
com fome,
com sono,
com sede,
com medo,
com filhos,
com nome,
sem terra,
sem casa,
sem cama,
sem pão.

e tem gente
com pressa.

pressa de sair do ponto
antes da bala.

pressa de voltar do trabalho
antes do tiro.

pressa de viver
antes do fim.

"tem gente com fome",

gritou Solano.
e fizeram de conta
que era só poesia.
mas poesia também tem dente,
tem sangue,

tem trilho,
tem faca,
tem fôlego,
tem gente
gritando
com fome,
de novo.



REBOTALHO

ingredientes para um corpo doente

Ingredientes:

rebotalho corante sódio conservante sódio estabilizante açúcar aromatizante açúcar acidulante sódio emulsificante sódio xarope açúcar gordura extrato de fumaça água pra aumentar o volume veneno refugo.

um pacote por dois e noventa
no mercado
congela o estômago e a culpa

rótulo colorido
com nome em inglês
e veneno siglonimizado:

INS123
E250
GMS

a criança abre o lanche
sorri (e morre devagar)

o sabor é garantido
o sal é mais salgado
quando é barato
e o que custa menos
cobra mais
do corpo

se correr a fome pega
se ficar a hipertensão leva
mas ninguém avisa.
AVISA?

Fique de olho na lupa
Se tá saturada de gordura
E muito açucar não mais atura

Alto teor em sódio?
Que ódio!

FOME VITAL

fome
não é só
falta de feijão

é falta de sábado
de samba
de sono sem susto

fome
é a criança que não brinca
porque o quintal é o esgoto
é o livro que nunca chegou
é o teatro que nunca abriu
é o dente doído
e a consulta distante

fome
é o corpo que não dança
porque nunca aprendeu
que também podia ocupar espaço
é o não dito,
o não visto,
o não lembrado

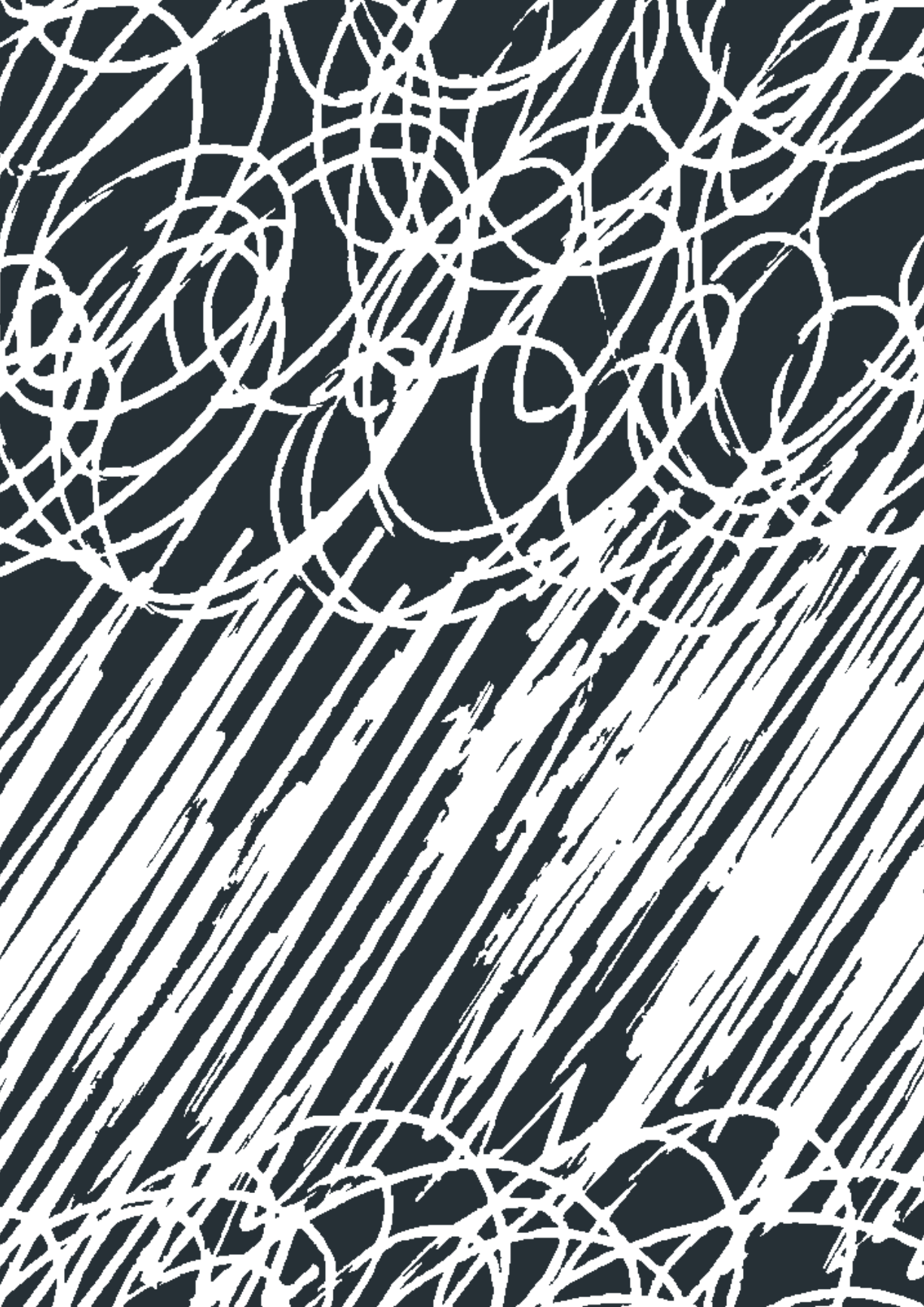
tem fome
no prato
e também no abraço
na escola,
no riso,
no descanso

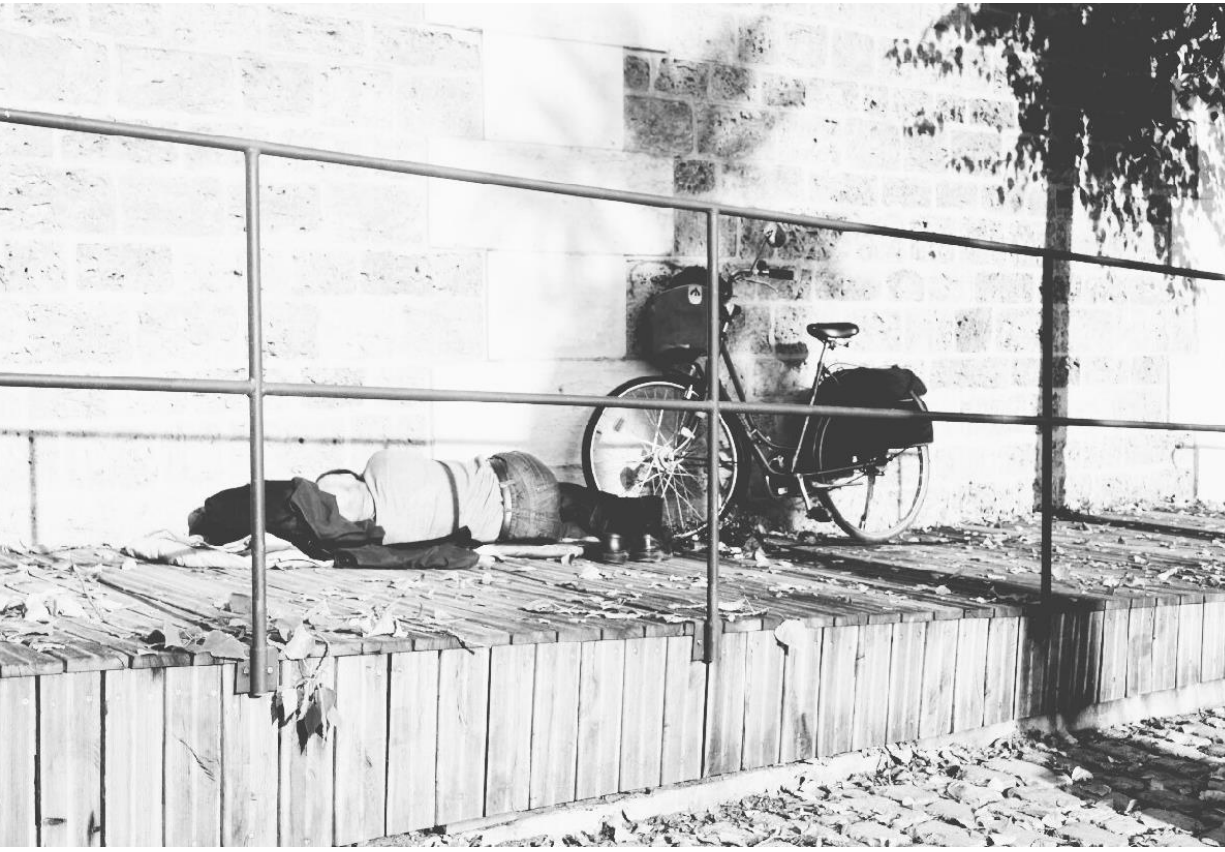
desejo de não ser só um número
na UBS no CPF no IBGE

“a gente não quer só comida”
a gente quer comida,
arte e estudo

uma vida saciável
alma plena e barriga cheia
pra ficar assim
“sem fastio, com fome de tudo”

CORPOS EM COLISÃO





Fonte: Flora Pidner | 2019

SILHUETA

Nossos corpos falam sobre nós
Marcas de gestação
Flacidez hereditária
Sequelas de dieta
Até mesmo amamentação

A pele pode ser testemunha
Cicatriz de mutilação
Desenhos de estrias
Varizes, pelos, melasmas
Rugas, marcas de expressão

Às vezes a queixa é de falta
Outras, o que incomoda é excesso
Espelho se torna inimigo
Quando não reflete o sucesso

Liberdade almejada
Pode ser realidade
Se nossa aceitação
Sobrepuja às regras,
supera o padrão

Nossos corpos gritam sobre nós
Magras, gordas,
desbundadas, cadeirudas
Sem peito ou peituda
Tanquinho ou barriguda

Somos livres das amarras
Da ditadura dos corpos sacrificados
Saúde sim, neurose não
Também temos insatisfação
Mas ela não manda
Não é nossa legislação

QUEM VOCÊ PENSA QUE É?

Quem você pensa que é
Me olhando de cima pra baixo
Pensando que mulher é capacho
Que a autoridade é você
E que não importa o que penso
O que sinto ou desejo
Pois somente sua vontade
Deve prevalecer?

Quem você pensa que é
Pra me julgar pelo que visto,
como sento, como ando,
até como eu rio
Que zomba de meus sentimentos
Faz aposta com amigos
E do mau-caratismo
faz um desafio?

Quem você pensa que é
Às vezes, de forma sutil
controla meu decote, minha senha,
até meu tom de voz
Se eu discordo de algo
altera o seu tom,
destila ameaça e seja lá o que se faça,
lhe deixa feroz?

Quem você pensa que é?
Uma fala machista pra cada situação:
"Feche as pernas, menina"
"Não fale alto, é feio"
"Cadê seu namorado?"
"Me dá mole, essa aí "
"Mas tá se fazendo de difícil..."
E não respeita quando o não é NÃO?

Quem você pensa que é
se acha no direito de me xingar,
me extorquir ou me bater
Você que quer ser dono da minha vida,
mente quando diz amar
Você que quer ter a posse
se não tem, pode
e vai me matar?

META SEU MACHISMO NO... bolso

Porque comigo, machismo não se cria, seu moço
Aprenda a ser homem
As mulheres, queira amar
Aprenda com a gente
E, sobretudo, nos respeite

PARE DE NOS MATAR



MANCHETES

No jornal de hoje
a manchete sangrava
sem novidade
mais uma assassinada
causa mortis?
apenas por ser mulher
Aquela notícia
não mais impactava
virou rotineira
pouco se lamentava
muito se repetia;
"Não se mete a colher"

No jornal de ontem
nada diferente
por que será, deusas,
que matam a gente
como se fosse coisa
comum, natural?
Sofrem filhos, filhas,
mães, amigas, família
e o machismo segue
fazendo sua trilha
punindo mulheres
como algo normal

No jornal de amanhã
será diferente?
"Esperança é a
última que morre"
Mas sempre mentiram
pra gente

MIRA

mãos ao alto
e o corpo ao chão
o grito preso no peito
feito nó de aflição
"era só uma abordagem"
dizem os que nunca sangram
dizem os que nunca correm
dizem os que nunca enterram
o asfalto absorve o pranto
das mães de filhos pretos
e a cada bala achada
um futuro é desfeito
Alvo é preto?
o mundo assiste calado
mas quem é preto, já sabe:
alguns nascem suspeitos
outros, com farda e alarde

Preto é alvo?
foi sufocado no banco de trás
gás, farda e camburão fechado
diziam conter um perigo
mas era só um homem sentado
outro, no carro com a esposa
bala atravessou o domingo
tinha violão no porta-malas
mas viram ameaça no vidro
ninguém diz que é racismo
juram que é só precaução
mas basta a pele ser preta
pra virar alvo, suspeição

TERRA FERIDA

há um corte aberto no mapa
que sangra desde o início
na demarcação à força
na mentira como ofício

aldeias viradas cinzas
em nome de progresso
um trator que passa por cima
dos corpos em recomeço

o tempo não cura a terra
que geme sob concreto
com nome de rua estrangeira
onde já foi templo, afeto

mas resistem em roda,
em rezo, em idioma florido
plantando memória e milho
no solo ainda doído

CASO ISOLADO

Risos contidos
piadas sussurradas
olhar afiado como navalha
Depois, conselho “de amigo”:
melhor andar diferente
melhor abaixar esse tom
melhor se fazer ausente
E muita coisa chega depois
a advertência da escola
a prece da família
o corte na entrevista
o empurrão na fila

"não tenho preconceito, mas…"

a esquina sem saída
a gargalhada no ônibus
a vergonha vestida
o tapa que vira surra
a surra que vira espinho
o corpo que vira alvo
e a rua que vira caminho

“... tenho até amigos que são”

a bala que atravessa
a faca que surpreende
a manchete da noite
que o país inteiro entende
"mais um caso isolado"

dizem, virando o canal
mas quem vive fora da norma
carrega o risco fatal

HOJE TEM ESPETÁCULO?

me botaram no picadeiro
sem me perguntar o número
sem figurino, sem truque
só o meu corpo - e o susto
riram da minha entrada
como se eu fosse palhaço
mas a piada era outra:
o espelho da ignorância
apontaram meu passo incerto
pro tropeço bateram palmas
tiraram foto da minha bengala
viralizou com gargalhadas
disseram que era só humor
que eu não sabia brincar
que hoje em dia tudo ofende
que militante precisa relaxar
o que pra eles é show
pra mim é cicatriz aberta
o aplauso não cura a vergonha
e o palco não é coberta

querem plateia obediente
pra bater palma e calar
mas quem vive fora da lona
já aprendeu a tombar
não se faz arte com escárnio
nem se vence fingindo saber
há muito deixei de pedir silêncio:
agora, exijo aprender
o espetáculo termina
e o vexame é sua vaidade
que aplaude com deboche
e exalta a desumanidade

ETARIVIX® — ANTIMEDICAMENTO

Indicado para o controle social da velhice ativa

Nem todo cuidado é cura. Alguns vêm em cápsulas de silenciamento.

Etarivix® não é um remédio — é um antimedicamento.
Disfarçado de zelo, ele se infiltra no cotidiano com frases mansas, conselhos disfarçados de amor e orientações que mais aprisionam do que protegem.
Age lentamente, apagando histórias, vontades e vozes sob o pretexto da proteção.
Etarivix® é o nome do veneno social da exclusão etária — tão comum que poucos percebem seu gosto amargo.
Etarivix® traz efeitos colaterais da sociedade que enxerga a velhice como falha, excesso ou ruído.
Leia com atenção. E nunca o administre em caso de humanidade.



⚠ MEDICAMENTO SUJEITO À FISCALIZAÇÃO SOCIAL ⚠

ETARIVIX®

Comprimido revestido de controle social – uso oral e prolongado

Fabricado por: Sociedade S.A. | Registro nº 0000-IDAD-ISM

COMPOSIÇÃO:

frases dóceis em tom paternal

apelidos diminutivos

sorrisos que disfarçam ordens

estatísticas em forma de conselho

INDICAÇÃO:

Silenciamento gradual de pessoas idosas com histórico de autonomia.

POSOLOGIA:

Administrar pequenas doses ao longo do dia:

– “melhor não sair sozinho”

– “na sua idade, é perigoso”

– “deixa que eu resolvo por você”

CONTRAINDICAÇÕES:

Não administrar em ambientes onde pessoas idosas:

– pensam por si

– discordam

– se apaixonam

– dançam

– decidem

– aprendem

ADVERTÊNCIAS:

– Pode causar dependência afetiva unilateral

– Pode provocar sensação de inutilidade e isolamento

– Em casos graves, leva à perda total da autonomia e da identidade

– Não confundir zelo com controle

EFEITOS COLATERAIS:

esquecimento social

voz interrompida

tempo contado

ausência nas decisões

abandono disfarçado de cuidado

INFORMAÇÃO IMPORTANTE:

Pessoas idosas também têm desejos, têm corpo, têm história.

Não nasceram para serem caladas.

Respeite. E devolva o que foi tomado.

LIÇÃO DE VIDA

A lição começa antes do primeiro toque.
O quadro ainda limpo,
o ar já pesado.

Folhas se acumulam na mesa
como se o tempo fosse elástico,
mas o relógio corre,
esgarçando os cantos do dia.

Há vozes que atravessam portas,
algumas ferem,
outras apenas se perdem no corredor.

O corpo se inclina,
risca linhas,
aponta caminhos,
mas a cada gesto
carrega o peso do que não é dito.

Há olhares que silenciam.
Há silêncios que ameaçam.

E, como se fosse a coisa mais comum,
acham natural que se trabalhe acuado.
Como se medo fosse material didático.

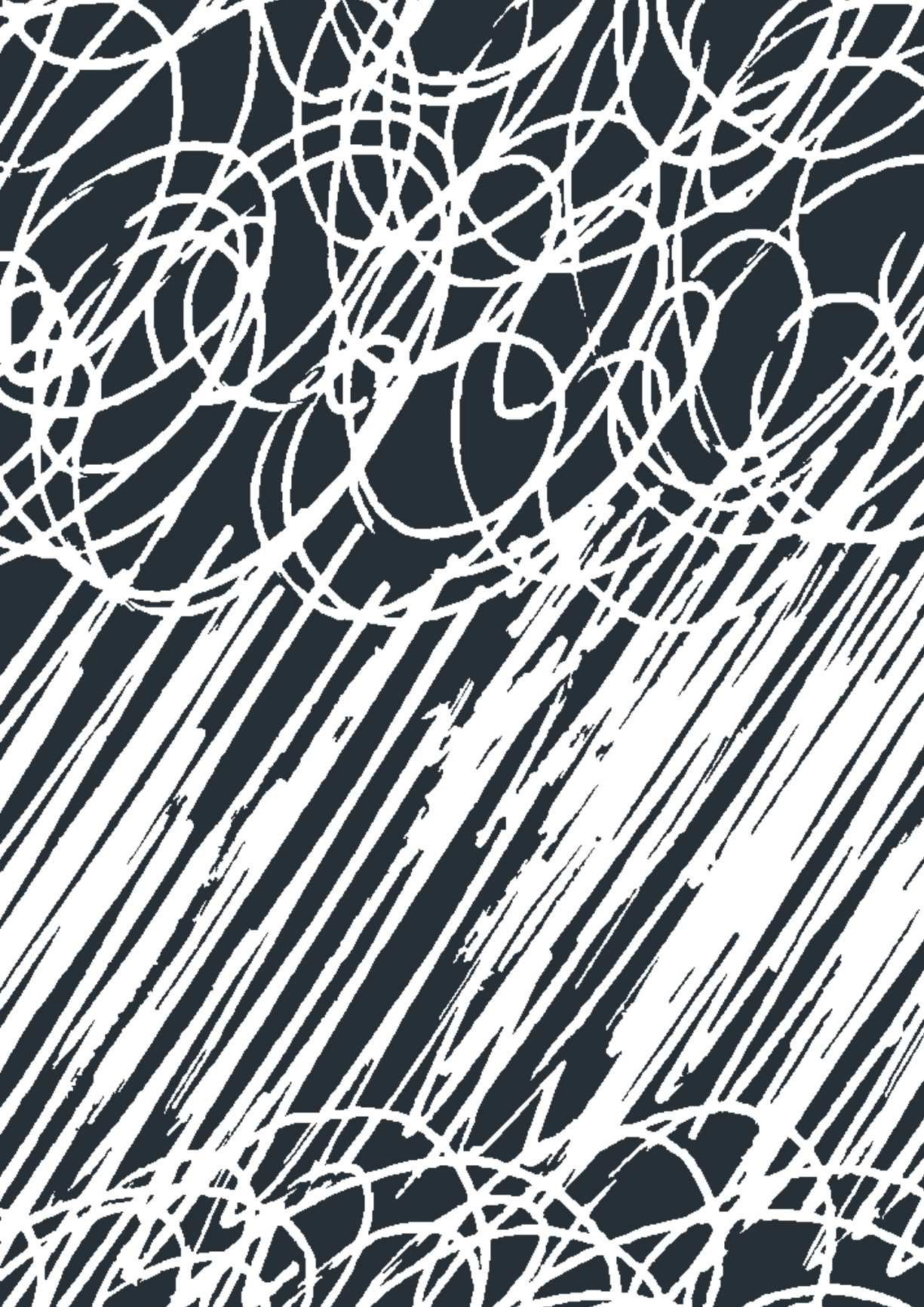
E, no intervalo, em vez de descanso,
há papéis para assinar,
listas para preencher,
fardos que não cabem na mochila.

O sinal anuncia o fim.
Mas não é o fim.

O que é vital,
ninguém escreve na pauta.
O que é vital
é permanecer em pé
mesmo quando a lição
é sobreviver ao dia.

quebra de ritual

quem disse que não pode sair com roupa amarrotada? quem disse que é feio o hiato entre os dentes? quem decidiu que salto é pra mulher delicada? quem fez a lista dos gestos que cabem em cada idade? e que batom escuro denuncia a revoltada? quem escreveu que o silêncio é a melhor forma de verdade? por que o meu cabelo solto é assunto de família? por que o que eu tatuo te causa tanta ânsia? quem decretou que a mulher precisa ser mãe um dia? e que homem de unha feita só pode ser 'frescura'? quem se assusta com beijo que não segue sua cartilha e se recusa a olhar pra vida que é outra trilha? quebro seu ritual com meus trajes, minhas palavras, com a escolha de ser pessoa solteira. cada ruga que carrego é também uma bandeira e se meu corpo é dissidente é porque sua norma inteira nunca foi justa. nunca foi franca. nem honesta nem verdadeira.



CÂMARA ESCURA



Fonte: Flora Pidner | 2019

VÔMITO

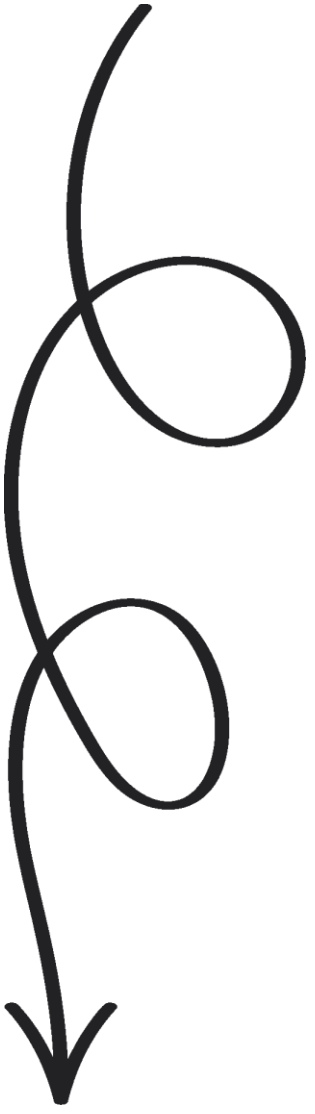
às vezes chega aos pouquinhos
noutras, explode do nada
ela se senta no meu peito
olha para mim
e sussurra
que não sabe a hora de partir

então, corro para escrever
como quem vai para o pronto-socorro
mas as palavras, em vez de curar,
ficam no papel
esperando que eu explique
aperto que aperta
nó que se fecha
sombra que engole

eu só queria escrever sobre sentir a angústia
e sobre sentir a angústia
de sentir a angústia
quando finalmente escrevo
ela sussurra de novo:
“isso nem é poesia
é um vômito.”



REBOBINE



Aquele dia terminou assim.
perfil offline.
corpo ausente.

Agora
cidade dorme.
não percebe.
telefone toca.
não atende.
espelho vazio.
rosto não volta.

quem não tiver pecado, atire
a primeira pedra
e, sem olhar para si, pedras
voaram.

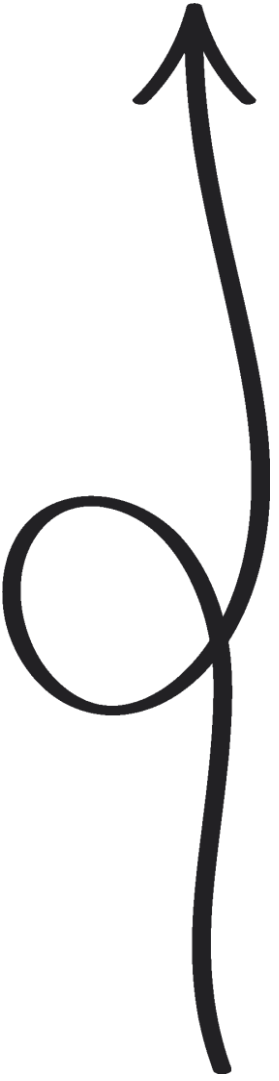
Antes
tarde arrasta.
silêncio denso.
respiração curta.
almoço queimado.
fogão aceso.

café frio.
foto antiga.
comentários cortam.
roupa. corpo. voz.
vídeo truncado.
verdade descartada.

quem não tiver pecado, atire
a primeira pedra
e, sem olhar para si, pedras
voaram.

mensagens em fila.
risos ferem.
raiva repete.
desperta cedo.
olhos pesados.
dia já perdido.

Aquele dia começou assim.
Rebobine.



DENTRO

um passo
dois
o chão range e o corpo volta
ombros fecham a porta
costas viram muro
mãos se escondem atrás do ar
olhos – apenas frestas
espias cautelosas
do caramujo que ainda respira
no escuro úmido da própria concha
cada pergunta é martelo
cada olhar, farol no breu
e o corpo recolhe mais um milímetro
até sumir inteiro
na curva silenciosa de si
lá dentro não há perigo
nem vento, nem voz
mas também não há saída
o tempo passa
a casca aperta

tímido.
mínimo.
rígido.

TERMÔMETRO

saio com pressa
a chuva me atrasa
carro passa
toda molhada

raiva
abro a bolsa
a chave não está
volto no caminho
encontro o portão trancado

ira
peço explicação
me dão um riso de canto
e a resposta atravessada

ódio
recordo o passado
as vezes em que me fizeram calar
as vezes em que engoli. A seco.

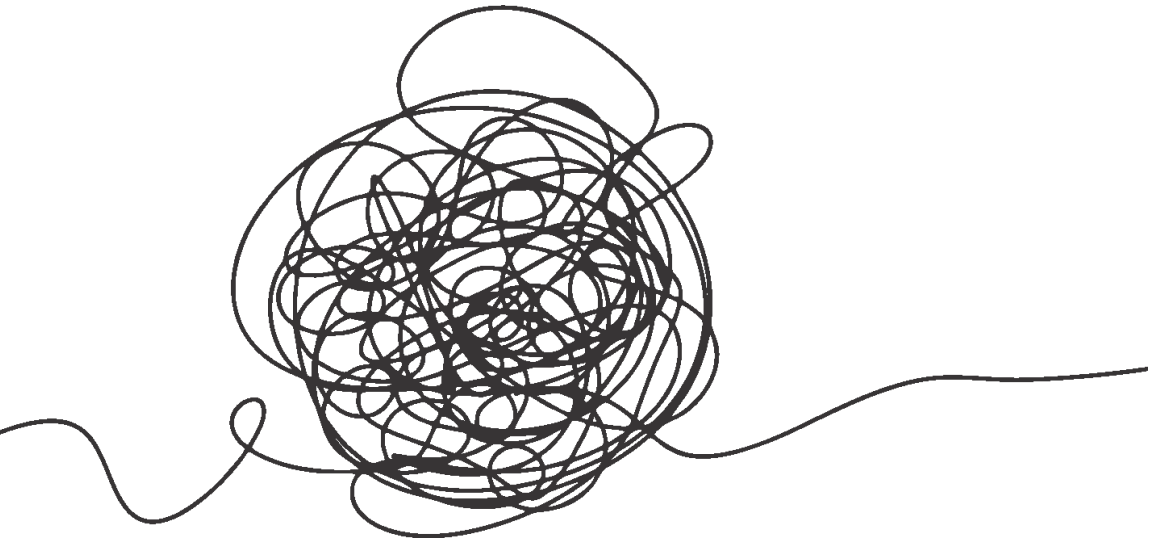
rancor

alguém toca meu ombro
como se fosse dono
e diz que é só brincadeira

fúria

ah, claro —
se é brincadeira,
posso ser o brinquedo.
vocês, os donos

e x p l o d o.



CARROSSEL INSONE

o corpo afunda
não afunda
afunda
não

o travesseiro afoga
o travesseiro empurra
o travesseiro espera

é um sonho? não sei.

o teto desce
devagar
desce
devagar
desce

fecho os olhos
e tudo gira
gira
gira
até voltar para o começo
onde tudo gira
gira
gira

é um pesadelo? não sei.

o relógio pisca
olho
pisca
olho
pisca

é um sonho? não sei.

respiro curto
curto
curto
até perder o fôlego

é um pesadelo? não sei.
é um sonho? não sei.
é um pesadelo? não sei.

e quando penso que durmo
não sei

DESALENTO — variações sobre o mesmo dilema

I

acordei sem vento
os pulmões guardavam
silêncio
como se o ar tivesse desistido
de mim

a xícara esfriou na mesa
e o café, amargo,
parecia entender minha boca

o relógio seguiu sem me
chamar
as horas se arrastavam
como pés cansados sobre
pedra

as paredes olharam para mim
sem prometer abrigo
o teto cedeu ao peso das
nuvens

o corpo,
esqueceu o gesto da dança
e o rosto,
o ensaio do sorriso

a esperança - essa folha seca -
soltou-se de vez do galho

e eu fiquei,
entre o chão e o nada,
sem saber para onde ir
sem vontade de ir

II

não quero abrir a janela
não quero acender a luz
não quero vestir o dia

o vento não vem
o canto não vem
o passo não vem

o corpo pesa mais que o corpo
os olhos pesam mais que o sono
o tempo pesa mais que o tempo

o que arde já não aquece
o que brilha já não acende
o que vive já não chama

e tudo é lento,
tão lento,
que até o silêncio
parece cansado de ficar

III

sentei.
fiquei.
me esqueci de ir.

a esperança
passou na calçada
e não me viu

DESERTO

um quarto
uma sombra
e o resto do mundo
lá fora.

janela aberta
rua vazia

um copo esquecido na pia
o café com a película fina
de quem já desistiu da fumaça

a campainha não toca
o ar pesa
a língua descansa no céu da boca
sem palavra

o mundo inteiro cabe
no espaço entre dois batimentos
e um suspiro

há dias
em que o corpo inteiro
é um quarto fechado.

ESPELHO EM BAIXO-RELEVO

olho para o vidro
como quem olha um lago
à espera do reflexo

há um rosto ali
mas não sei o nome dele
os olhos
são dois poços rasos
a pele, um mapa
com caminhos riscados à pressa
como quem não quer voltar

procuro um gesto
que me diga:
sou eu

mas o que retorna
é um borrão cansado
um silêncio úmido
que me veste

nesse instante, percebo:
carrego a melancolia
como quem carrega um lenço
encharcado no bolso —
sempre junto, sempre frio

viro o rosto
para não aprender de cor
essa face estranha
que me observa
como se me conhecesse.

SUBCUTÂNEO

Há coisas que não se dizem, não porque faltem palavras,
mas porque a língua se recusa a soltá-las,
como se guardar fosse a única forma de sobreviver.

Carrego gestos pela metade,
abraços que param a um centímetro do corpo,
olhares que desviam antes de encostar.
Não é descuido - é defesa.

Por baixo da pele, há uma corrente lenta, viscosa,
arrastando lembranças que não cabem na superfície.
Sinto seu peso quando me sento em silêncio,
quando as mãos pousam sobre a mesa
e o tempo parece esperar que eu confesse alguma coisa.

Mas o que há para dizer?
Que o medo tem cheiro de ferro
e que às vezes sonho com um grito
que dissolve os ossos?

As pessoas falam de paz, de recomeço, de cura.
Eu sorrio, concordo, mas por dentro uma lâmina lenta
segue riscando meu fôlego.

Subcutâneo é o que não aparece nas fotos,
mas deixa a sombra nos olhos,
o vinco nos ombros,
o peso nas palavras.

E, quando alguém me pergunta se está tudo bem,
respondo “sim” — e a resposta soa tão natural
que até eu quase acredito.

MEMÓRIAS

À minha mãe

as que chegam…
(cheiro de pão… quente?)
uma voz… alguém me chamando…
abraço… ossos aquecem.

as que voltam —
não sei de onde —
cortam.
(faca. sal. noite comprida.)

as que não voltam…
nomes sem rosto.
rostos… não sei.
gavetas abertas.
vazias.

há também as que…
não sei.
apagaram-se.
(eu?)

e há dias
em que tento acender uma lâmpada
no meio dessa escuridão,
mas encontro apenas o eco
de um quarto onde já não moro.

REMATE

Encerrar não é aliviar. É provocar mais uma vez.

Se cada poema anterior deixou um ponto de tensão, este último não pretende afrouxar o nó. O que segue é um inventário mínimo de incômodos banais - aqueles que parecem pequenos, mas se acumulam até se tornarem quase insuportáveis.

Talvez você reconheça alguns. Talvez descubra que eles continuam ecoando depois que o livro se fecha.

E, provavelmente, terá outros.

inventário mínimo de incômodos banais

Chiado com canudo incomoda.

Chiado com canudo, cuspe na fala incomodam mais.

Chiado com canudo, cuspe na fala, tampa de garrafa raspando no chão incomodam muito mais.

Chiado com canudo, cuspe na fala, tampa de garrafa raspando no chão, som de talher raspando no prato incomodam ainda mais.

Chiado com canudo, cuspe na fala, tampa de garrafa raspando no chão, som de talher raspando no prato, fungada repetitiva incomodam mais e mais.

Chiado com canudo, cuspe na fala, tampa de garrafa raspando no chão, som de talher raspando no prato, fungada repetitiva, zumbido de mosquito no ouvido incomodam muito mais.

Chiado com canudo, cuspe na fala, tampa de garrafa raspando no chão, som de talher raspando no prato, fungada repetitiva, zumbido de mosquito no ouvido, estalo de caneta incomodam ainda mais.

Chiado com canudo, cuspe na fala, tampa de garrafa raspando no chão, som de talher raspando no prato, fungada repetitiva, zumbido de mosquito no ouvido, estalo de caneta, goteira insistente incomodam mais e mais.

Chiado com canudo, cuspe na fala, tampa de garrafa raspando no chão, som de talher raspando no prato, fungada repetitiva, zumbido de mosquito no ouvido, estalo de caneta, goteira insistente, barulho de isopor esfregando incomodam muito mais.



[acrescente aqui
seus incômodos banais]



BIOGRAFIA DA AUTORA

EDNEIDE F. LEITE – formada em Letras pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e Mestra em Linguagens e Letramentos pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professora da Escola Estadual Graciliano Ramos e do Instituto Federal de Alagoas, ambas em Palmeira dos Índios, promove saraus dentro e fora do contexto escolar.
Poemas de Desconforto e outros versos incômodos é seu primeiro livro publicado.
Contato: edneidefleite@gmail.com | @leiteedneide.

BIOGRAFIA DA FOTÓGRAFA

FLORA SOUSA PIDNER - Doutora em Geografia pela UFBA, licenciada, bacharel e mestra na mesma área pela UFMG. É professora do Instituto Federal de Alagoas, campus Coruripe. De sua tese resultou Geo Foto Grafia: narrativas espaciais nas imagens de Sebastião Salgado (Edufba, 2019). Mineira de nascimento e costumes, apaixonada pela Bahia, mora em Maceió onde tem estendido seu olhar geofotográfico.
Contato: floraspidner@gmail.com | @florageofoto



SOBRE A OBRA

Edneide F. Leite (1972) é professora da rede pública em Alagoas, amante das artes e das Letras. Brinca com palavras de vários jeitos, mas foi nos últimos anos que a escrita poética se tornou presença constante. Nela encontrou espaço para costurar inquietações, bordando o universo feminino e outras urgências sociais com palavras que instigam mais do que confortam.

Poemas de Desconforto e outros versos incômodos não busca consolar - provoca. Versos que atravessam o vazio, as fricções entre corpos e sistemas, os deslocamentos forçados e os ruídos íntimos que insistem em permanecer.

Não é refúgio, é choque. Versos que ardem na pele, atravessam o vazio, expõem feridas abertas.

Colidem corpos e mundos, rompem silêncios, deslocam certezas.

Aqui, o desconforto não é desvio - é o caminho.

O desconforto é território fértil: lugar de ver, sentir e não desviar o olhar.

É com grande entusiasmo que a gestão *Amar e Mudar as Coisas* apresenta a **Coletânea Sintietfal Publica**, fruto do segundo edital de fomento à publicação de livros promovido pelo Sindicato dos Servidores Públicos Federais da Educação Básica e Profissional no Estado de Alagoas.

Nesta série, damos voz a autoras e autores que refletem a riqueza da produção literária da nossa categoria – notadamente, das filiadas e dos filiados à nossa valorosa entidade sindical – em áreas do saber, gêneros literários e temas da mais virtuosa diversidade.

Com efeito, a classe trabalhadora – que tudo produz – é digna de espaços que a estimulem a trazer a lume, inclusive, o produto intelectual de suas vivências acadêmicas, artísticas, profissionais, socioculturais, enfim, humanas. É a isso que este Selo se destina.

Esperamos que a iniciativa materializada nessas páginas inspire e provoque reflexões que enriqueçam a experiência de cada leitor/a brindado/a com as obras cuidadosamente selecionadas que integram esta coleção.

Boa leitura!

Yuri Buarque
Diretor-presidente do Sintietfal
Gestão 2025-2028: *Amar e Mudar as Coisas*

Sintietfal